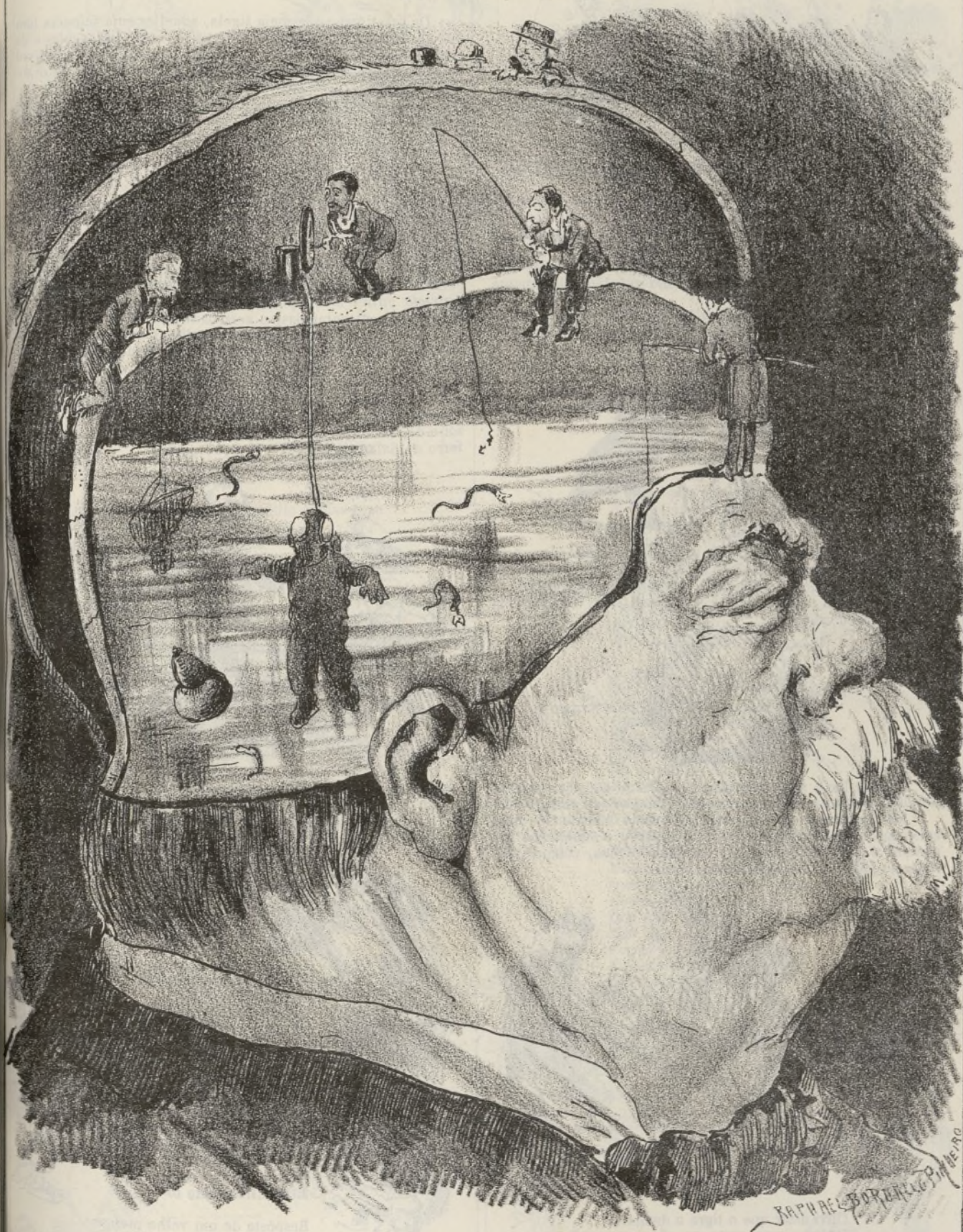


O que se encontraria na cabeça do sr. Barão, se se fizesse o exame
pedido pela escola medica



De como se prova que um «tigre» que pesa «arrobas»
não tem no cerebro nem uma «onça» de juízo?

A desforra



O sr. ministro do reino, acceitando com toda a seriedade o requerimento dos estudantes da escola medica, em que o sr. barão do Pote das Almas era cruelmente azeperado, procedeu, segundo a opinião geral, com o maximo acerto e isenção, sendo que a sua integridade como ministro ficou claramente evidenciada e a sua imparcialidade como cidadão sobejamente provada.

Quanto a nós, o sr. Thomaz Ribeiro não *provou* coisa alguma, além do aceipe da vingança, que é, segundo dizem, o manjar predilecto dos deuses.



Ha muito que o sr. ministro trazia o sr. barão entre dentes e comprehende-se o mal estar de s. ex.^a com semelhante trambolho em sitio tão delicado. Aquellas familiaridades do sr. tigre com a pessoa de el-rei punham o sr. ministro em ponto de rebuçado.



Chegou-lhe a sua desforra, e elle deixou que lhe tirassem um olho contanto que arrancasse os dois ao seu antagonista.

São realmente divertidos e sobretudo edificantes estes episodios entre bastidores, em que superior e subalterno, tripudiam a capricho, qual de baixo, qual de cima, como os garotos no jogo do eixo rebaldeixo.



PERGUNTA

Ouvi dizer que o tigre a demissão
Pedira: será certo ou são inventos?...
— Pediu; e tu não sabes a razão?...
E' que os doidos tem lucidos momentos.

Escamotagem

Os prestimanos de meia tigela, aquelles cuja sciencia não vae muito além do jogo dos covilhetes, da sorte das argolas e da escamotagem do baralho, têm todos um systema infallivel para distrahir a attenção do publico em quanto executam as empalmacões.

Logo que o prestigiador começa os seus trabalhos, apresenta-se em scena, ao lado d'elle, o palhaço encarregado de prender as attensões do espectador por meio de saltos, mumices e cabriolas. No momento critico, quando os olhares dos assistentes convergem absolutamente sobre os movimentos do prestimano, o hístrião solta um dito picaresco, executa uma visagem divertida, dá uma cambalhota estapafúrdia e a bola passa rapidamente do fundo do covilhete para o bolso do prestigiador, sem que o publico tenha tempo de observar a escamotagem.

Na barraca da politica executam-se as sortes com a mesma pericia e pelo mesmo systema; em quanto o *arlequim do districto* entretém o espirito publico com esgares truanescos e polotiquices disparatadas, o *prestimano do conselho*, deitando no bolso de Zé Povinho o pó de *perlímpimpim* e fazendo estalar dos dedos da mão esquerda, diz com um sorriso maligno:

— Um! dois! trez! passe!... E os magros cobres desaparecem immediatamente da algebeira do mystificado, enquanto o prestigiador, agitando a varinha magica ao compasso do sol-e-dó, faz sair da copa d'um chapéu alto... o caminho de ferro de Salamanca!...



No tempo dos migueleões
A lei severa punia
Aquelle que se esquecia
De abotoar dois botões.

Hoje, que novos maraus
Gimbram de grande e á franceza,
Prohibe-se aos berimbaus
O toque da Marselheza.

Soltemos vivas á farta
A's santas instituições:
Ao menos, a livre Carta
Livres nos deixa os botões.

Resposta de um velho monge:
— De vagar se vae ao longe.



Os alhos republicanos,
Não tendo mais que fazer,
Foram a hydra esconder
Dentro de varios pianos:
Arrobas, o d'altos planos,
Descobre a bicha bravia;
Corre e salva a monarchia
De dar n'agua co'os burricos,
Fazendo a hydra em fanicos
No cimo da Cotovia.

Arrobas, insigne heroe
E adivinhão como um bruxo,
Tira a um piano do bucho
A hydra que thronos rõe:
Os ossos todos lhe móe
Com rija pancadaria;
E no fim d'esta folia,
Vendo que a hydra não mexe,
Vae fazer d'ella escabeche
No cimo da Cotovia.

Vindo o Tigre muito inchado
Por esfolar a giboia
Ao pimpão da de Saboia
Conta o feito sublimado:
Este fica entusiasmado
De tamanha valentia,
E diz: — Deveras um dia
A's minhas affeições gratas
Ser salvador das batatas
No cimo da Cotovia.

Veio Ulysses, e ninguém
P'ra o entender achou rego:
Pois o Arrobas, sem ser grego,
Ninguém o entende também;
Hoje diz que mata cem,
A'manhã perde a mania:
Faz trinta planos n'um dia
E no outro dia os desmancha...
Mas salva do estado a lancha
No cimo da Cotovia.

Vendo o patrão dos chibantes
Que a maldita hydra cachorra
Se fôra metter de gorra
Em casa dos estudantes,
Chama os pimpões arrogantes
E a do anão tropa bravia;
E com rara valentia
Tirando a hydra da escola,
Encaixa-a n'uma gaiola
No cimo da Cotovia.

Chegado a França o aviso
Da prohibição pateta:
O Ferry mais o Gambetta
Espojaram-se com riso.
«O homem tem cão e guiso.
Disseram; quer a portia
Matar co'a semsaboria
Dos hymnos da carta rota
A hydra que já arrota
No cimo da Cotovia!!!»

A. de tocar a Marseilha.



Ulysses ha muitos annos
Mostrou-se grande marau,
Com um cavallo de pau
Embarrilou os troianos,
Pois o Arrobas nos seus planos
E' maior alho hoje em dia:
P'ra engrolar a monarchia
Inventou de pé p'ra mão
As hydras de papelão
No cimo da Cotovia.

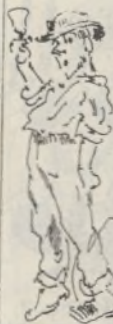
Não ter visto da hydra a tromba
Juram todos a pés juntos:
O tigre d'actos velutos
E' só quem a vê e a arromba
Capataz de gente romba,
Nunca o sangue se lhe esfria;
E vêl-o'hemos qualquer dia
Em premio a taes lufas-lufas
Ser cantado em op'ras bufas
No cimo da Cotovia.

Ulysses Troya amarrota
Por ter manha e cachimonia:
Arrobas salva a Parvonia
Como quem descalça a bota,
N'estes dois heroes se nota
A mesma sabedoria:
Ulysses pesca uma enguia
Com arte, finura e cabula,
Arrobas a hydra da fabula
No cimo da Cotovia.

O grande Arrobas, á laia
De Malabar de theatro,
Engole o diabo a quatro
Gimbrando a perna cambaia:
Novas passagens ensaia,
E ha-de (diz-se) qualquer dia,
Da inviolavel monarchia
Ao serviço pondo a telha,
Engulir a hydra vermelha
No cimo da Cotovia.

Diz afagando as melenas
Minha avosinha Adelaide
Que igual ao Miguel Alcaide
Conhece o Arrobas, apenas.
Que elle é para as mesmas scena
Isso já eu percebia:
Porém o que não sabia
Era haver n'elle o descoco
De matar hydras a socco
No cimo da Cotovia.

Quando p'la vez derradeira
O Arrobas fechar os labios,
Hão-de vir milhões de sabios
P'ra lhe estudar a caveira;
Um notará a que cheira,
Outro o que pesa já fria
Mas não-de achat-a vazia
Qual bilha de loiça grossa
Que vae parar á carrega
No cimo da Cotovia.





Ele tem só uma ideia,
Nutre apenas um capricho:
Apanhar a hydra feia
E matar emfim o bicho!

A esp'rança não se lhe embrusca,
E elle á hydra dando caça,
Busca, busca, busca, busca,
Como um podengo de raça.

Decretando ordens expressas,
P'ra a guarda lhe dar auxilios
Vasculha beccos, travessas,
E devassa os domicilios.

Nas ruas tudo avassalla
A ver se lhe encontra o fio;
— Já chegou a procural-a
No kiosque do Rocío!

Nada,
Nada,
Nada!

Tudo examina e descobre,
Caixas, caixinhas, caixotes,
Gamellas, tachos de cobre,
Barris, panelas e potes.

Apalpa as fraldas do indez,
Cheira debaixo das camas...
Até chegou d'uma vez
A ser grosseiro co'as damas...

E no fim de tanta lida
Recolhe os falhos anzões
E vae de orelha caída
Metter-se em vall' de lenções!

E ali passa horas de tedio,
Com horriveis dor's no ventre,
Sem lhe lembrar um remedio
Que esse mal lhe desconcentre.



Uma vez, exausto e farto
De aturar aquella dôr,
Diz ao criado do quarto
Que vá chamar o doutor.

Vem o doutor: toma o pulso,
Vê-lhe as faces côr de cidra,
Acha-o nervoso, convulso,
E diz: — Já sei; isso é hydra...

Da cama ao longo, de bruços,
Pergunta o misero enfermo
Com suspiros e soluços:
— E, ó doutor, p'ra lhe pôr termo?

— P'ra matar essa lombriga...
Volve o doutor— Isso é obra
Ou furando-lhe a barriga...
Ou com pevides da abob'ra...

Essa é rica!
Um potro;
Um potro;
Um potro...

Emfim, — p'ra que de perluxo
O leitor não me appellido—
Embute na pa do bucho
Dois copasios de pevide!

— Sinto o ventre a arder em fogo
Grunhe o triste com voz rouca;
E a hydra começa logo
A sair-lhe pela boca...

Mas antes que a bicha emigre
De todo, pois vem ao centro,
Começa o rabo do Tigre
A recolher-se p'ra dentro!

— Ora não ha! diz o enfermo,
Seriamente atrapalhado;
— Esta bicha, este estafermo,
Vae-me deixar derrabado!



E nem lhe parece improprio
N'aquella terrivel hora,
Ir á janella, elle proprio,
Co'a hydra meia de fóra...

Bate as
Dois gallegos bem valentes
Que essa cautia atroz, maldita,
Puxem com unhas e dentes.

Vem os moços, mãos á obra,
Que é caso urgente, de pressa,
E ao crescer o rabo á cobra
Vae-lhe encolhendo a cabeça...

— Esta só pelo diabo
Diz, ao ver que ella
— Ou me hade encolher
Ou a cabeça lhe encolha...

Nesta horivel collisão,
Neste serio e triste enleio,
Dão-lhe os moços um puxão
E a hydra parte-se ao meio.

Ao vér esse estranho facto,
Da bicha partida em postas,
Fica o Tigre estupefacto
E os moços caem de costas!

Porém elle não descança
Nem tem rasão p'ra socegos;
— Ficou-lhe parte na pança,
Parte na mão dos gallegôs!

E esse mal, tornado eterno,
A affectar-lhe as partes moles,
Fel-o sair do governo,
Fal-o entrar em Rihafoles. Pan.

A Paris!



Então Pina não parou mais. Gyrava em todos os sentidos, para a direita, para a esquerda, parecia atacado de nervoso, que tinha a dança de S. Vito.



A família, os amigos, o *Diário da Manhã*, o *Petit-bonhomme* o centro constituinte em pezo queriam socegal-o, agarral-o, domal-o, mas elle atirava tudo e todos pelo ar, tal era o seu contentamento.



Passava como um meteoro, como uma setta, como um raio.



Quem nos dera vér a cara d'elle ao chegar a Paris...

Que de sensações novas! Elle corridas, elle boulevards, elle theatros, elle les,



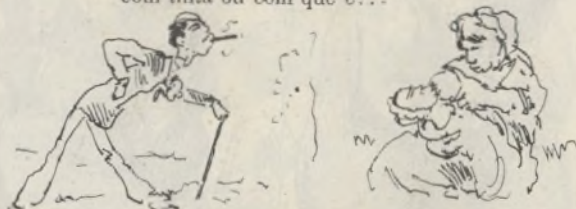
elle nos restaurantes...



Que calamidade! como os generos vão encarecer em Paris!

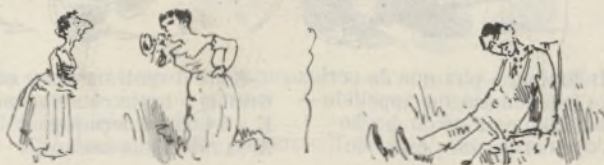


E a mexer em Zola a ver se elle é um homem como á gente, e se elle escreve os seus livros com tinta ou com que é...



E hade ser charuto, rosa ao peito, todo triques, todo liró, ali a beirinha a assarapantar todo o Paris...

Paris o seu ideal, o seu sonho desde pequenino, desde que em Alcobaça elle chuchava a teta da ama...



E depois os confrontos: Quem pesa mais na litteratura o snr. Florencio Ferreira ou o snr. Catulle Mendés? no theatro a snr. Canaria ou a snr. Judic? no jornalismo a *Crença Liberal* ou o *Figaro*?

No fim de oito dias Pina está derreado, esalfado, estropiado, quebrado do corpo e de finanças e pedirá que o mandem para a sua terra, mas pelo correio, porque os seus capitães dão apenas para uma estampilha.



E agora a serio, snr. Mariano Cavalleiro de Pina: Muitos parabens. Que tenhamos sempre de vossa senhoria boas noticias e bons folhetins.

Se passar por Bordeus dê um chôcho em Seguier.

J. M. H. D. V. A. L. O. P. H. E. I. R.

MAITRE CORBEAU SUR UN ARBRE PERCHÉ
O TIGRE, A HYDRA E O RAPOSO



Na parreirinha o tigre empoleirado
A larga pata sobre a hydra poisa,
Vem um raposo em manhas jubilado
E assim lhe diz, mais coisa menos coisa:

— Bons dias, senhor tigre; é mesmo um barra!
Brilha entre os bicharócos resolutos!
Se qual forte é nos lombos o é na garra
'Stá-lhe mesmo a calhar ser rei dos brutos.

Não cabe em si o tigre (o das alcunhas)
E movido do orgulho que o belisca
Levanta a pata p'ra mostrar as unhas
E a Hydra, ella ahí vae—logo se misca.



Vale a lição uma hydra de ovos moles:
O tigre, que de esperto faz alarde,
Arqueja co'os pulmões como dois folles,
Jura não cair n'outra. Jurou tarde.



SERRA



PORQUE É QUE A ALEGRIA
ASSIM TU NOS ROUBAS,
ANTONIO MARIA
BARREIROS ARROBAS?



BARREIROS ARROBAS
ANTONIO MARIA,
PORQUE É QUE NOS ROUBAS
ASSIM A ALEGRIA?



BARREIROS ARROBAS,
PORQUE É QUE A ALEGRIA
ASSIM TU NOS ROUBAS,
ANTONIO MARIA?



PORQUE É QUE NOS ROUBAS,
ANTONIO MARIA
BARREIROS ARROBAS,
ASSIM A ALEGRIA?



PORQUE É QUE A ALEGRIA,
BARREIROS ARROBAS
ANTONIO MARIA,
ASSIM TU NOS ROUBAS?



ANTONIO MARIA,
PORQUE É QUE NOS ROUBAS
ASSIM A ALEGRIA,
BARREIROS ARROBAS?



— ESGOTEI-O — RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

FINAL



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Depois de ter engulido tudo, resolve engulir-se a si proprio... e sae preto!

Começamos a encaral-o sob este novo aspecto